



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Especialização em Comunicação e Saúde

CES

**“MEU CORPO É MEU CAMPO DE BATALHA”:
NARRATIVAS
DE MULHERES COM ANOREXIA E BULIMIA NO
JORNALISMO CIBERFEMINISTA**

Karla Menezes Cravo Alves

Projeto de pesquisa

Orientador: Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Rio de Janeiro, 2017



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

“MEU CORPO É MEU CAMPO DE BATALHA”: NARRATIVAS DE MULHERES COM ANOREXIA E BULIMIA NO JORNALISMO CIBERFEMINISTA

por

Karla Menezes Cravo Alves

Trabalho apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação e Saúde.

Modalidade de trabalho: Projeto de Pesquisa

Orientador: Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Rio de Janeiro, 2017

AGRADECIMENTOS

2016 foi um ano especial. Em 12 meses, redesenhei meu futuro em tantas vertentes que seria emocionalmente impossível enumerar cada uma. Mas este projeto de pesquisa, bem, ele sintetiza grande parte de meus anseios para os tempos que estão por vir.

Igor, professor/orientador de mente brilhante e coração enorme, muito obrigada pela ajuda e pela confiança que você transmitiu a mim ao longo do processo de elaboração do trabalho. Uma vez mentor, sempre mentor (e eu não pretendo te deixar em paz).

Estendo minha gratidão aos outros dois pesquisadores que muito contribuíram com este projeto: Marcelo Robalinho (debatedor) e Tatiane Leal (parecerista).

Agradeço, também, a meus companheiros de jornada - os queridos colegas da CeS 2016- pelas leituras, discussões, lanches comunitários durante as aulas e pela sessões de terapia de grupo a cada deadline. Janine e Igor conseguiram formar a melhor turma de que já tive sorte de participar!

Não posso deixar de mencionar aqueles que me acompanharam nesta e em todas as empreitadas que já escolhi me aventurar. Mãe, irmão, namorado, tias e tios, primas e primos, amigas e amigos: que privilégio tê-los por perto! Obrigada!

RESUMO

Este projeto tem por objetivo analisar narrativas biográficas de mulheres com anorexia e bulimia no jornalismo ciberfeminista. Considerando o ambiente virtual locus de ação feminista, pretende-se compreender como estas trajetórias, que ganham visibilidade dentro de um jornalismo de resistência, podem reconfigurar sentidos de saúde e doença relativos aos transtornos alimentares.

Palavras-chave: anorexia; bulimia; feminismo; internet; mulheres

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS.....	14
3. JUSTIFICATIVA.....	14
4. REFERENCIAL TEÓRICO	17
5. METODOLOGIA	24
6. CRONOGRAMA	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

As pessoas não sabem quantas refeições pulamos; quantas vezes negamos comida ao nosso estômago, que ronca e dói; quantas vezes vamos dormir mais cedo para evitar outra refeição; quantas vezes comemos escondidas, tomadas por culpa; quantas vezes enfiamos colheres repetidamente em nossas bocas sem sequer mastigar a anterior, tomadas por ansiedade. (B. KLIMECK, 2015¹)

Mulheres e o ato de não comer. Um binômio que passou a ser estudado por diversas áreas de intervenção nas últimas décadas do século XX, mas cujas raízes datam de períodos muito mais distantes.

Ainda na Idade Média e no início do Renascimento, mulheres religiosas se entregaram a rituais ascéticos de todas as ordens para atingirem a pureza do coração ante Deus, em uma forma de penitência denominada “anorexia santa”². O termo voltou a aparecer um tempo mais tarde, associado às mulheres da então ascendente burguesia, que recorriam à “anorexia mental” na intenção de alcançarem a perfeição espiritual e o ideal de feminilidade da época. A prática restritiva também era adotada pelas meninas mais pobres, que viam no jejum uma prática milagrosa para obterem dinheiro (GRACIA; CONTRERAS, 2011).

Os primeiros registros médicos da anorexia, que passou a ser acompanhada do adjetivo “nervosa”, surgiram em 1873, simultaneamente na Inglaterra e na França (HERCOVICH; BAY apud SILVA, 2004), como uma variação da histeria. Em “Female Malady: Women, Madness and English Culture”, Elaine Showalter (1985) atenta para a concomitância entre a ascensão destas doenças ao fim do século XIX com a primeira onda do movimento feminista³, que reivindicava direitos civis, acesso à educação e melhores oportunidades de trabalho para as mulheres. Silva (2004) retoma a abordagem da autora norte-americana e afirma que as tais “desordens mentais” eram vistas à época como consequência da tentativa das mulheres de competir com os homens nos campos intelectual e profissional ou como uma

¹ “Eu, feminista e com transtorno alimentar” – Disponível em <https://medium.com/@biaklimeck/eu-feminista-e-com-um-transtorno-alimentar>.

² Tradução de “holy anorexia” proposta por Mabel Gracia e Jesús Contreras (2011, p. 281).

³ Consideram-se três “ondas” feministas ao longo da história. A primeira, ocorrida ao final do século XIX, e focou majoritariamente na mobilização por direitos civis, como o sufrágio e a propriedade. Já a segunda, nos anos 60, abordou questões como sexualidade, direitos reprodutivos e igualdade salarial. A terceira, situada nas décadas de 80 e 90, trouxe à discussão elementos interseccionais ao feminismo, a exemplo da raça, classe social, localidade ou religião.

maneira de se eximirem das obrigações domésticas impostas pela divisão de gênero.

Enquanto novas oportunidades de auto-aprimoramento e de autorrealização surgiam para as mulheres, os médicos alertavam que perseguir tais objetivos levaria à doença, à esterilidade e ao suicídio, e ligavam diretamente a epidemia das desordens nervosas à ambição feminina. (SILVA, 2004,p.93)

O processo de secularização da sociedade moderna alçou o corpo à condição de “bem supremo da cosmologia humana” (BIRMAN, 2012, p.70). Ele passou, portanto, a carregar todos os registros antropológicos e a circunscrever de forma ainda mais latente as angústias de não pertencimento das mulheres. Tal qual no passado, elas ainda têm suas subjetividades afrontadas em nome da natureza que lhes cabe enquanto seres do sexo feminino, não mais ancorada na maternidade, mas no mito do corpo delicado: magro, belo e contemplável.

A partir desta cultura disciplinar - na qual a gordura ganha status semelhante às impurezas profanas da Era Medieval e a magreza, por conseguinte, é elevada à condição de virtude (FREIRE, 2011) -, ressignificaram-se as práticas de autocontrole e de supressão de apetite que hoje compõem os chamados transtornos alimentares (TA).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve os TA na Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 2010) como “síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos”, destacando suas duas vertentes mais conhecidas: a anorexia, caracterizada pela perda de peso intencional, induzida e mantida pelo paciente; e a bulimia, descoberta ao fim da década de 1970 como uma variante direta da primeira, mas que alçou a independência tendo por principal sintoma a ingestão excessiva de alimentos seguida de vômitos⁴.

De acordo com o Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos, cerca de 70 milhões de pessoas sofrem de transtornos alimentares no mundo. A incidência destas doenças praticamente dobrou nas últimas duas décadas, atingindo

⁴ Disponível em apps.who.int. A Associação Americana de Psiquiatria (APA) e o Instituto de Saúde Mental dos EUA), entretanto, acrescentam a compulsão alimentar (“binge eating”) à lista de TA: <http://www.apa.org/topics/eating/> e https://www.nimh.nih.gov/health/topics/eating-disorders/index.shtml?utm_source=rss&utm_medium=rss.

principalmente meninas na faixa etária entre 10 e 19 anos (DUNKER; PHILIPPI apud RAMOS; NETO; BAGRICHEVSKY, 2011).

No Brasil, um estudo publicado pela Secretaria de Saúde de São Paulo⁵ em 2014 apontou que 77% das jovens paulistas têm propensão a desenvolver algum tipo de TA. A pesquisa foi além e afirmou que anorexia e a bulimia foram responsáveis por uma internação a cada dois dias nos hospitais ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) no estado.

Apesar das estatísticas alarmantes, pouco ainda se fala sobre estes corpos, que exteriorizam em si as marcas da inadequação social. A associação histórica do comportamento de anoréxicas ou bulímicas a uma tentativa de chamar atenção ajuda a compreender o porquê deste silenciamento. Novamente resgatando os estudos de Showalter, Silva (2004) relembra que, quando a anorexia começou a ser detectada pela ciência, ainda no século XIX, os médicos ressaltavam o suposto controle que as pacientes exerciam sobre suas famílias.

Deste modo, o tratamento seria afastá-la da família e deixá-la aos cuidados de uma pessoa dura, antipática, fria e completamente desconhecida, que a irritasse, se possível. A paciente não teria acesso a nenhum conforto e, quando desmaiasse, deveria ser deixada onde caísse para se recuperar sozinha. (SILVA, 2004, pp. 96-97)

Para a autora, ainda permanece a ideia de que as crises compulsivas das mulheres com transtornos alimentares são “birras”, “caprichos” ou “estratégias de manipulação”, o que não só arranca a subjetividade das pacientes como também compromete a produção e a apreensão de sentidos sobre tais doenças.

Os TA representam um terreno ainda em pavimentação até no próprio movimento feminista. A partir de sua segunda onda, já nos anos 60, levantou-se a bandeira da autocracia e do direito das mulheres em disporem de seus corpos como bem entendessem. Surgiram diversas publicações - entre jornais, revistas e livretos - feitas por mulheres e para mulheres no mundo todo, algumas com foco exclusivo em saúde e combativas ao discurso clínico, como o Boston Women's Health Collective Book⁶.

⁵ Disponível em <http://www.saude.sp.gov.br/ses/noticias/2014/janeiro/disturbio-alimentar-ameaca-77-das-jovens-de-sp>.

⁶ Coletivo feminista responsável pela autoria do livreto "Women and their bodies" ("Mulheres e seus corpos"), escrito a partir das discussões promovidas em seminário homônimo. Em 1971, a obra passou a se chamar "Ourbodies, ourselves" ("Nossos corpos, nós mesmas") e deu origem, tempos

Descobrimos que não havia "bons médicos" e tivemos que aprender por nós mesmas. Falamos sobre nossas próprias experiências e compartilhamos nosso próprio conhecimento. (...) Pela primeira vez, estávamos pesquisando e produzindo artigos que eram sobre nós e para nós. (...) Foi estimulante aprender mais sobre nossos corpos, mas foi ainda mais estimulante falar sobre como nos sentíamos a respeito deles, sobre nós mesmas, sobre como poderíamos nos tornar seres humanos mais autônomos, sobre como poderíamos agir juntas, a partir de nosso conhecimento compartilhado, para mudar o sistema de saúde para mulheres e para todas as pessoas. (WOMEN AND THEIR BODIES, 1970, prefácio, tradução nossa⁷)

Embora vanguardistas ao concederem às mulheres o espaço de protagonistas das narrativas a respeito de seus próprios corpos, boa parte das publicações do coletivo centrava-se em questões reprodutivas, aborto, contracepção, gravidez e puerpério, maternidade, prazer, doenças venéreas e relação médico-paciente. Curiosamente, a palavra “dieta” até aparece ao fim do prefácio supracitado, mas no sentido de “fortalecimento físico”⁸.

Os movimentos feministas nacionais da época acompanharam este fluxo. Em meados da década de 70, os tabloides “Nós, Mulheres” e “Brasil Mulher” entraram em circulação em São Paulo, graças ao esforço da Associação das Mulheres e da Sociedade Brasil Mulher. Majoritariamente focados na militância política, na conscientização a respeito da dominação patriarcal e na relação mulher-trabalho, os jornais eram instrumentos de divulgação de coletivos feministas e, como tais, davam cobertura a assuntos não veiculados pela imprensa oficial, então sob forte censura política (LEITE, 2003).

Na virada para a década de 1980, transtornos alimentares e feminismo começaram a aproximar-se. Estudiosas da teoria crítica, tais como Susie Orbach⁹,

mais tarde, a uma organização não governamental de promoção da informação sobre saúde reprodutiva e sexualidade feminina. Disponível em: <http://www.ourbodiesourselves.org/history/obos-timeline-1969-present/>.

⁷ No original: “We discovered that there were no ‘good doctors’ and we had to learn it for ourselves. We talked about our own experiences and we shared our own knowledge. (...) For the first time, we were doing research and writing papers that were about us and for us.”

(...) It was exciting to learn new facts about our bodies, but it was even more exciting to talk about how we felt about our bodies, how we felt about ourselves, how we could become more autonomous human beings, how we could act together on our collective knowledge to change the health care system for women and for all people.

⁸ “This course should grow and include other topics”, such as menopause, divorce, childcare, strengthening our bodies (diet, exercise, karate, etc.) (...)”

⁹ “Fat is a feminist issue” (“Gordura é uma questão feminista”), 1978; “Hunger strike: the anorectic's struggle as a metaphor for our age” (“Greve de fome: a luta da anoréxica como metáfora para nossos tempos”), 1986.

Kim Chernin¹⁰ e Susan Bordo (cujas análises serão revisitadas nas seções posteriores deste trabalho), passaram a traçar paralelos entre a crescente fixação da sociedade ocidental no corpo e o esforço ilimitado das mulheres em se tornar fisicamente atraentes (EDWARDS, 2006).

Existe uma tentativa de acordo entre teóricas feministas que os transtornos alimentares são, em parte, a maneira de algumas mulheres dizerem, do único jeito que conseguem, que algo está seriamente errado com suas vidas ao passo que assumem direitos e prerrogativas na sociedade patriarcal. (CHERNIN apud EDWARDS, 2006, p. 5. Tradução nossa¹¹)

Tais ideias romperam as barreiras da academia e vêm ganhando cada vez mais força com a expansão da internet. Remédios Zafra (2011) recorda que a rede foi, desde o movimento cyberpunk dos anos 90, um território carregado de leituras utópicas para o feminismo e suas práticas de representação. A identidade era uma questão central no espaço virtual, não somente para os sistemas classificatórios do período, mas também para as práticas cotidianas de autoconfiguração.

(...)a possibilidade de ‘desmaterialização do corpo’ frente à tela foi interpretada como oportunidade de desconstruí-lo e, como efeito, tentar superar os status de gênero. A ideia parecia simples e revolucionária: ali, onde o material estaria suprimido, poderíamos dar forma a nos mesmas. (ZAFRA, 2011, p. 124. Tradução nossa.¹²)

Hoje, entretanto, está germinando um profeminismo novo, nerd e geek, repaginado, especialmente atrativo para as mulheres mais jovens, crescidas no ambiente digital. A esse conjunto de estratégias estético-político-comunicacionais, calcadas na cultura eletrônica, convencionou-se chamar ciberfeminismo (MIGUEL; BOIX; NATANSOHN, 2013).

A despeito dos valores patriarcais que ainda imperam no segmento, principalmente no que tange à produção, pode-se dizer que as mulheres estão advogando um novo papel para si frente às tecnologias de informação e comunicação (TICs). Segundo a última pesquisa sobre acesso à internet realizada

¹⁰"The obsession: reflection on the tyranny of slenderness" ("Obsessão: reflexões sobre a tirania da magreza"), 1981; "The hungry self: women, eating and identity" ("O ser faminto: mulheres, alimentação e identidade"), 1985.

¹¹ No original: "There is a tentative agreement among feminist theorists that eating disorders are, in part, some women's way of telling us, in the only way they know how, 'that something is going seriously wrong with their lives as they take on the rights and prerogatives of male society'."

¹² No original: "(...) la posibilidad de «aplazamiento del cuerpo» tras la pantalla, ha sido interpretada como la oportunidad de desconstruirlo y, como efecto, (aspirar a) superar los estatus del género. La idea parecía sencilla y revolucionaria: allí donde lo material queda aplazado, podemos darnos forma a nosotras mismas."

no Brasil (IBGE, 2014), o percentual de mulheres conectadas à rede já chega a 54,7%, ultrapassando, inclusive, o índice masculino (54,1%). É natural, portanto, inferir que a maior presença feminina no ambiente virtual venha a orientar formas de produção de conteúdo neste mesmo espaço, coordenando a ação coletiva e atuando na elaboração de demandas de reconhecimento a partir de mapeamentos afetivos, sociais e morais feitos por estes “novos sujeitos” (FERREIRA, 2015).

Tais “modos de fazer” feministas não mais se restringem a manifestos contra os valores da sociedade patriarcal, mas enfocam, também, as subjetividades e as contradições das próprias mulheres e como elas constroem e desconstróem os conceitos de autonomia e disciplina em suas vidas.

Este projeto pretende centrar-se no “jornalismo ciberfeminista”, tal qual enuncia em seu título. Na intenção de explicar o recorte, recorre-se a Louro (1997) e seus estudos sobre a relevância do movimento de mulheres na ciência, nos quais ela afirma que, para além de aspectos teóricos e procedimentos metodológicos norteadores, nenhum trabalho acadêmico desinteressado ou neutro. Desta maneira, a pesquisa feminista é, assim como as demais, comprometida; fala a partir de um dado lugar e possui, “como uma espécie de marca de nascença, um caráter de desafio à ciência normal, uma disposição intrínseca para o questionamento e a instabilidade” (LOURO, 1997,p.144).

Trazendo esta reflexão para o jornalismo - campo que, assim como a ciência, foi instituído por homens brancos, ocidentais e das classes dominantes, "os quais, supostamente, fizeram as perguntas e deram as respostas que interessavam a todas as pessoas" (LOURO, 1997, p.143) -, é possível inferir que os novos veículos feministas despontam como uma possibilidade de contraposição às abordagens das mídias de massa a temas relacionados às mulheres, como bem explica Woitowicz (2015):

Diante do reduzido (ainda que crescente) espaço conquistado pelo movimento no cenário da grande mídia (...), é a prática feminista realizada pelas organizações através de canais alternativos de comunicação que busca criar brechas para discutir as demandas das mulheres no meio social. Enquanto nos veículos de comunicação tradicionais assuntos como o aborto e a autonomia das mulheres costumam ser silenciados, ou tratados a partir de uma lógica hegemônica herdada de padrões culturais legitimados historicamente, os discursos de resistência circulam dentro e fora do

movimento, produzindo representações dissonantes. (WOITOWICZ, 2015, p. 10)

De maneira semelhante às publicações das ondas anteriores do movimento de mulheres, porém amparado no dinamismo da rede, o jornalismo ciberfeminista propõe reconfigurar as relações das mulheres com os dispositivos midiáticos e transformar o modo “de construção, na agência e nos domínios do conhecimento” (LOURO, 1997, p.148).

Muito se fala sobre a liberdade sobre o próprio corpo, mas vejo um silêncio doloroso e incômodo sobre muitas de nós que estão presas em si mesmas ao sofrerem com transtornos alimentares. Minha tentativa é de dizer que TA são assuntos feministas. Ou deveriam ser: muitas militantes não sabem muito sobre o assunto porque, na verdade, quase ninguém sabe. Nós vemos filmes, lemos livros e no fim das contas não entendemos muito sobre o que é ser uma mulher anoréxica ou bulímica. (C. MARQUES, 2014¹³)

Dentre a gama de portais que se enquadram nesta temática, a Revista AzMIna e os sites Think Olga e Lado M destacam-se tanto pelo espaço concedido às narrativas sobre anorexia e bulimia quanto por sua projeção na chamada Primavera Feminista¹⁴.

Sediada na cidade de São Paulo, AzMina¹⁵ surgiu a partir do desejo das jornalistas Nana Queiroz e Helena Bertho e da psicóloga Leticia Bahia de trazer para o Brasil o conceito da publicação americana Bitch Media, "que tem por missão prover uma resposta feminista à mídia mainstream e à cultura pop". A revista é dividida em editorias temáticas (de nomes bem inusitados), cujas reportagens abordam desde empreendedorismo feminino (“Minas honram o rolê”) e maternidade (“Mãezinha vírgula”), passando por comportamento (“Descomportadas”), e chegando economia, sociedade e política internacional (“Telefone sem fio”). A publicação também abriga uma seção de opinião (“Trocando ideia”), diversas colunas, e um espaço em que as próprias leitoras são convidadas a dividir suas histórias (Divã D’AzMina)¹⁶.

Basta parar na primeira banca de esquina para ver: as revistas femininas não são feitas para mulheres reais. Elas fazem com que as

¹³ Disponível em: http://coleccionamosmiscelanea.blogspot.com.br/2014_08_01_archive.html

¹⁴ “Uma primavera sem fim” – Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>.

¹⁵ Disponível em: <http://azmina.com.br/quem-somos/>

¹⁶ Informações parcialmente retirada de reportagem sobre a AzMina realizada pelo Programa Saia Justa, do Canal GNT, em 30/11/2016. Disponível em: <http://gnt.globo.com/programas/saia-justa/videos/5484379.htm>

leitoras se sintam feias, antiquadas e presas no corpo errado. Tampouco falam sobre assuntos que contemplem todos os tipos de mulheres e sua imensa variedade de preferências. Por isso criamos AzMina, uma revista para mulheres de A a Z. Nela, haverá espaço para todos os tipos de beleza, rostos e formas. (...) A revista vai respeitar o seu direito de amar e de transar - e toda forma de amor. Vamos te encarar como o ser humano complexo que você é, sem ficar te dizendo o que fazer. (MANIFESTO PARA CAPTAÇÃO DE RECURSOS E CRIAÇÃO DA REVISTA AZMINA, 2015¹⁷)

O Think Olga¹⁸ é um projeto feminista, fundado pela jornalista Juliana de Faria, cujo objetivo é "criar conteúdo que reflita a complexidade das mulheres e as trate com a seriedade que as pessoas capazes de definir os rumos do mundo merecem". No portal, reportagens, colunas e artigos dividem espaço com charges, spots de rádio, colunas e manuais de jornalismo humanizado. Além disso, o Think Olga reserva uma retranca em sua página à campanha *Chega de FiuFiu*, que tem por meta a sensibilização contra o assédio sexual em espaços públicos.

Nossa luta é para que as mulheres possam ter mais escolhas. Nunca menos. Bem como garantir que elas façam suas escolhas de maneira informada e consentida, sem que nunca tenham que pedir desculpas por tais decisões. (THINK OLGA, 2017)

Já o Lado M¹⁹ intitula-se um "site produtor de conteúdo para o empoderamento feminino". Os textos se dividem pelas editorias "Mulheres reais", "Feminismo" "Comportamento", "Saúde", "Cultura", "Games", "Esportes" e "Cotidiano", onde são encontrados tanto matérias e reportagens quanto artigos em primeira pessoa.

Não nos intitulamos como jornalismo feminino, porque, embora uma das nossas bandeiras seja a luta pelos direitos das mulheres, não nos identificamos com o jornalismo dito feminino que é veiculado na imprensa tradicional. (...) Antes que se pergunte, afirmo de antemão que somos, sim, um veículo de linha editorial feminista. (...) A nossa bandeira é a igualdade – igualdade! – entre os sexos e o fim do machismo. ("NÃO SOMOS PRODUTOS PARA SERMOS ROTULADOS", EDITORIA COTIDIANO, Lado M, 2014²⁰)

Durante a pesquisa para a elaboração deste projeto, verificou-se que os TA aparecem nestes veículos sob a forma de depoimentos em reportagens e artigos de opinião, no intuito de conferir visibilidade às doenças e à maneira como as mesmas são enfrentadas por mulheres das mais variadas classes sociais. Há espaço, também, para os relatos, onde mulheres compartilham livremente suas experiências enquanto anoréxicas ou bulímicas, levando a público seu lugar de "protagonista",

¹⁷ Disponível em: <http://juntos.com.vc/pt/azmina>

¹⁸ Disponível em: <http://thinkolga.com/a-olga/>.

¹⁹ Disponível em <http://www.siteladom.com.br/>

²⁰ Disponível em: <http://www.siteladom.com.br/nao-somos-produtos-para-sermos-rotulados/>

com o objetivo de sensibilizar as leitoras a respeito das enfermidades e, ao mesmo tempo, estabelecer sua própria “redenção prospectiva” (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2015, p.12) perante os TA.

O pedaço de minha história que não consigo regurgitar é como pude me levantar. Em revisita-la, agora, preciso operar um recorte de gênero. Só assim perdoaria a mim. A anorexia é, afinal, com uma cicatriz de guerra – ou uma tatuagem sem cor. Não poderei esquecê-la nunca; tampouco vou me livrar de suas nódoas indelévels. Em verdade, aprendi a suportá-la; forçosamente, a respeitá-la e, então, a resignificá-la. (...) Mas se apanho uma mulher dizendo que precisa perder peso, sinto um arrepio me correndo de cima abaixo, e me faço dismantelar a ideia. Teria instinto de dissuadi-la, agora. Segurá-la pelo ombro e dizer-lhe que não. Mas não poderia. Não conheço a vida que ela suporta nos ombros. Então, no que me torno, ao interceder? Toda ação, no feminismo, precisa ser coletiva. Isto não é sobre alguém. Estamos juntas, no meio do olho do furacão. (“EU E ANOREXIA: UM NAMORO NADA SAUDÁVEL”, Lado M, 2015²¹)

Em todas as narrativas, é possível identificar um embate entre o corpo emaciado em prol do feminino e o que se encontra em processo de libertação, trazendo em si os ideais autocráticos defendidos pelos movimentos feministas ao longo da história. Poder-se-ia, então, entender que a resistência ao poder disciplinar imposto aos corpos femininos perpassa admitir que ninguém, nem mesmo as mulheres que se identificam com os valores feministas, está totalmente imune à autovigilância? Seria a exposição desta aparente contradição uma nova forma de ativismo, ancorado em uma proposta alternativa de jornalismo?

Para tentar responder a tais perguntas, este trabalho pretende analisar as narrativas biográficas das entrevistadas e/ou articulistas presentes nas reportagens e nos relatos veiculados pela Revista AzMIna e pelos sites LadoM e Think Olga nos últimos dois anos (2015 e 2016), investigando como estas realidades partilhadas no contexto ciberfeminista podem contribuir para a produção de novos sentidos de saúde e doença sobre os transtornos alimentares.

²¹ Disponível em <http://www.siteladom.com.br/eu-e-a-anorexia-um-namoro-longe-de-ser-saudavel/>

2. OBJETIVOS

Geral:

- Analisar os relatos biográficos sobre anorexia e bulimia na revista eletrônica AzMina, bem como nos sites Think Olga e Lado M.

Específicos:

- Investigar as relações de poder incutidas na lógica de produção dos veículos em questão, tendo por base a noção de ambiente virtual como *locus* de ação, reflexão e resistência feminista.
- Compreender como a visibilidade destas histórias pode reconfigurar sentidos de saúde e doença e contribuir para uma nova percepção coletiva a respeito da anorexia e da bulimia.
- Identificar as relações entre a cultura do espetáculo e a moral da boa forma com a ascensão dos transtornos alimentares e suas representações na internet.
- Entender os avanços e as contradições destes discursos dentro do formato jornalístico, ainda que alternativo à comunicação de massa.

3. JUSTIFICATIVA

Embora estudados há mais de 40 anos, os transtornos alimentares continuam subnotificados pelos sistemas de saúde (apenas os casos mais críticos chegam ao conhecimento médico) e abordados de forma superficial pelos dispositivos de comunicação, que centralizam suas pautas nos relatos terapêuticos e na figura do médico.

No Brasil, não foram realizados estudos epidemiológicos com bases populacionais representativas, utilizando-se instrumentos adequados e validados para se investigar a prevalência de TA. São poucos os serviços especializados na assistência aos transtornos alimentares no país, o que contribui para a escassez de dados sobre o tema. Realizando uma busca simples por “anorexia”, “bulimia”,

“compulsão” ou “transtornos alimentares” na página do Ministério da Saúde²², percebe-se que todas estas inserções aparecem, na maioria das vezes, na condição de efeitos colaterais de outras enfermidades ou são citadas como parte do Programa de Prevenção e Controle de Agravos Nutricionais do Departamento de Atenção Básica do SUS.²³

Ademais, durante as pesquisas para a elaboração deste projeto, foram encontrados pouquíssimos documentos que correlacionem os TA ao contexto da saúde da mulher, ainda que estas doenças atinjam quase que exclusivamente a população do sexo feminino no período que entrecorta a puberdade e a sua ascensão à vida pública. Apontar esta lacuna é o primeiro passo para questionar como e até que ponto os tais “corpos transtornados” refletem o esgotamento mental das pacientes em relação aos papéis de gênero, às amarras sexistas e aos padrões estéticos inatingíveis os quais lhes são impostos desde as primeiras fases da vida.

Nós, mulheres, fomos adestradas, socialmente, a vermos comida como o inimigo: enquanto nossos irmãos se inspiravam nas carreiras profissionais dos pais e queriam ser advogados, executivos, bombeiros, nós mulheres nos olhávamos no espelho pensando se não estamos um pouco gordinhas (já que a mamãe parece temer tanto isso, só pode ser algo realmente muito ruim). A pior coisa que uma mulher pode ser é gorda. A gordura passou a ser o oposto do feminino, e qualquer coisa que a aproxime disso (como comida!) será vista como inimiga. Ser mulher é estar de dieta, contando calorias e se punindo por desejar. (C.MARQUES, 2015²⁴)

Oliveira e Hutz (2010) frisam que a incidência dos TA praticamente dobrou nas últimas duas décadas, o que levou cientistas a realizarem investigações a respeito da associação entre os padrões de beleza da cultura ocidental e o incremento no número de casos. Entretanto, tal como pontuam Garcia e Contreras (2011), estas teses não foram utilizadas para contestar as relações de poder e desigualdade que poderiam explicar a incorporação de certas práticas corporais e consumos alimentares (exercício, dieta) generalizados no conjunto da população feminina.

Em nenhum caso, essas mulheres são definidas por suas maneiras de ser e entender a vida ou por sua capacidade de usar algo tão significativo, e com tanto valor econômico e simbólico em nossa

²²Disponível em <http://portalsaude.saude.gov.br/> .

²³ Disponível em http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_pcan.php.

²⁴ “Transtornos alimentares são uma questão feminista” – Disponível em: http://coleccionamosmiscelanea.blogspot.com.br/2014_08_01_archive.html

sociedade, como o corpo e a comida, como forma de resistência, resposta ou desacato às normas familiares, culturais e/ou sanitárias. (ESTEBAN apud GRACIA; CONTRERAS, 2011)

Nos anos 2000, observou-se uma queda²⁵ no número de produções científicas a respeito dos aspectos socioculturais dos TA, o que limitou a análise de sentidos destes distúrbios no contexto da internet. Os poucos trabalhos levantados neste período discutiram o tema da anorexia e da bulimia sob o prisma dos estilos de vida, tendo por objeto etnográfico comunidades virtuais pró-“ana” e “mia”. Em sua dissertação de mestrado, David²⁶ (2009) propôs uma análise de práticas alimentares, comportamentos e valores das integrantes de comunidades virtuais pró-anorexia. Foram selecionados dois objetos etnográficos, acessados através palavras-chave “perfeição/esforço” e “anorexic”.

Silva (2004 e 2011), por sua vez, abordou os TA pelo viés antropológico em suas pesquisas de mestrado e doutorado. No primeiro trabalho, realizou uma etnografia virtual a partir de sites, grupos de discussão e blogs brasileiros, traçando um paralelo com os conceitos de pessoa, corpo, corporalidade e gênero. Já sua tese trouxe as relações entre corporificação, gênero e assujeitamento a partir de histórias sobre transtornos alimentares colhidas em comunidades virtuais, um serviço ambulatorial de hospital universitário, congressos de psiquiatria e uma agência feminista de base comunitária para tratamento, educação e prevenção de TA na Nova Zelândia.

Um dos estudos mais recentes sobre o tema, a dissertação “Aqui eu grito tudo que sofro calada - #thinspiration: construção digital do corpo anorético feminino”, defendida em 2016 por Juliana Silva Santana, inovou ao apresentar a plataforma microblogging Tumblr como objeto etnográfico e teve por objetivo entender a construção imagética do corpo anorético feminino nas novas mídias virtuais.

A partir do panorama acima descrito, a ideia deste projeto é atualizar as discussões sobre os TA no âmbito das relações de poder que compõem o campo da Comunicação e Saúde²⁷, retomando as articulações com os estudos de gênero e tendo o movimento ciberfeminista como plano de fundo da análise.

²⁵ Pesquisa realizada nos repositórios virtuais [Scielo](#), [Arca](#) e [BVSSalud](#).

²⁶ Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2516>

²⁷ Araújo (2013,p.4) define Comunicação e Saúde como um campo compósito, formado na interface de dois outros campos, o da Comunicação e o da Saúde, onde se percebe existência de discursos concorrentes, que emanam e ao mesmo tempo constituem relações de saber e poder. É neste campo

Para a referida pesquisa, foram escolhidos veículos independentes, que se intitulam “jornalísticos”, “informativos” ou “produtores de conteúdos”, todos mantidos por meio de doações e/ou campanhas em sites de financiamento coletivo. Juntos, a revista AzMina e o site Think Olga movimentam uma rede de influência mais de 230 mil leitores por todo o país - ambos são braços comunicacionais de ONGS homônimas criadas para promover o empoderamento das mulheres. Já o portal Lado M tem uma abrangência um pouco menor e é acompanhado por aproximadamente 55 mil pessoas²⁸.

Ao selecionar veículos de comunicação autônomos, que colocam mulheres anoréxicas ou bulímicas no centro da narrativa, este projeto tem a intenção de compreender a relevância da partilha de trajetórias sobre saturação corporal no ambiente virtual para a produção de sentidos em saúde, no momento em que é concedida a voz a atores antes silenciados pelas estruturas sociais.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

O corpo é o suporte simbólico que somatiza as angústias, as excitações e o mal-estar dos sujeitos na atualidade. Ao adquirir relevância máxima em uma sociedade marcada pela exacerbação do consumo e pela busca de prazeres imediatos, ele passa a ser valorado segundo sua jovialidade, longevidade e seu poder de atração sexual, assim inscrevendo todos os estímulos de competitividade inerentes ao modo de produção capitalista.

A lógica do prestígio a partir da autoimagem ajuda a redefinir o sentido da saúde que, da simples ausência de doença, aproxima-se da noção de “bem-estar físico, mental e social” e/ou de “criatividade e potência” (CANGUILHEM, 1995, CZEREZNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013). O conceito de “normal” ou “natural” dá lugar a uma “normatividade vital” (BEZERRA JUNIOR, 2014, p.116), na qual a vida se torna não apenas o somatório de fenômenos físico-químicos, mas ao valor que a eles é atribuído.

Do vírus ao ser humano, estamos todos, o tempo todo, incorporando ações sobre o meio, fazendo opções entre possibilidades de ação,

que agentes situados em instituições e informados por concepções teóricas sobre a comunicação, a saúde e seus vínculos, sobre as relações do Estado com a população e sobre as concepções e modos de enfrentamento dos agravos de saúde por parte da população, desenvolvem suas estratégias e práticas, suas alianças e antagonismos.

²⁸ Referências dos números de seguidores das fanpages dos veículos no Facebook.

visando a certos resultados e repelindo outros na direção de garantir a preservação, a multiplicidade e a reprodução da vida. (...) Compreender a vida como polaridade e exercício de valoração permanente implica pensar a normatividade como inscrita não exatamente no organismo individual, mas na sua relação com o meio. (BEZERRA JUNIOR, 2014, pp.116-7)

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, conjuga-se a existência de dois corpos, tal qual sugere Featherstone (1982): o interior, que se refere às preocupações com a saúde e o tratamento de doenças; e o exterior, calcado na manutenção do físico e na atuação do *self* no espaço social. Esta dicotomia, no âmbito da “cultura somática” (COSTA, 2004, p.204), torna o corpo um balizador da vida psicológico-moral dos indivíduos, que perdem a autonomia perante suas próprias subjetividades e passam a reproduzir normas que lhes são vendidas diariamente por diversos dispositivos midiáticos. Em meio à realidade-espetáculo, “a aparência se torna inerência e o verdadeiro não é mais aquilo que é, mas o que os proprietários dos meios de comunicação decidem que deve ser visto” (p. 229).

Uma revisão no campo semântico já comprova as regras que compõem esta “moral da boa forma” (SIBILIA, 2010). A palavra “fitness”, tão apregoada na era da idolatria corporal, vem do verbo “to fit in”, que significa enquadrar-se. Os termos “sarado”, “bombado” ou “malhado” remontam aos sentidos de “cura” ou “castigo”, que se coadunam a uma sociedade na qual se predomina o culto ao corpo, porém mediante seleção. Só são celebrados os corpos minuciosamente esculpidos, que possam contagiar outros no desejo de conquistar o ideal de felicidade através da beleza e da magreza. Legitima-se, por conseguinte, a tendência ao “cuidado de si” (FOUCAULT, 2005), relegando ao indivíduo a responsabilidade e o controle de suas condutas através de estruturas de poder e vigilância que terminam por determinar seu espaço na sociedade.

O que se almeja, nesta luta desigual contra a teimosia da carne, é atingir uma virtualização imagética tão descarnada como descarnante. É assim que opera a moral da boa forma: Os indivíduos, submetidos a todas as pressões do desencantado mundo contemporâneo, são interpelados pelos discursos midiáticos e pela aluvião de imagens sobre o corpo perfeito, ao mesmo tempo em que são analisados os riscos que os afastam desse ideal. (...) Carecer de fitness implica estar fora de lugar, e essa inadequação é muito problemática, já que conspira contra nosso ideal de felicidade. (SIBILIA, 2010, p. 204)

Do medo da falha e da insuficiência, emerge o conceito de risco. Apoiada nos escritos da antropóloga britânica Mary Douglas, Lupton (2005) traz esta ideia a partir

de interpretações construídas sobre as purezas e os perigos existentes dentro de um grupo social. A autora traça um paralelo entre os limites biológicos do corpo e as margens de qualquer sociedade, destacando que é precisamente neste espaço de limbo onde residem as ansiedades relacionadas a prazeres e ameaças presentes em qualquer indivíduo.

A análise de Lupton também perpassa as dicotomias sociais que estabelecem uma espécie de interrelação com o conceito de risco. A mais relevante diz respeito à contraposição entre o ser civilizado (*self*), que carrega em si os valores e as tradições de uma determinada sociedade, e as alteridades (*otherness*), que reúnem grupos aos quais se associa a possibilidade de ameaça à moral e à normatividade vigentes.

Neste contexto, o corpo branco, masculino, heterossexual, burguês e dotado de plena força física é o que mais se aproxima da concepção de civilizado, enquanto mulheres, classe operária, não brancos, portadores de deficiência e homossexuais são relegados à condição de “alteridades”. Todos estes são culturalmente representados como indivíduos subordinados à vontade da carne e não da razão, logo, predispostos à emoção, ao desejo excessivo, à violência e à desordem. A propensão à ruptura da normatividade – que poderia, por sua vez, levar a uma resignificação das lógicas de poder - faz com que as alteridades sempre tenham de ser, de alguma forma, suprimidas em nome da ordem coletiva.

Esta abordagem cultural/simbólica, com foco no risco e na alteridade, termina por enfatizar que as ansiedades e os medos que permeiam a noção de risco tendem a ser projetados em certos grupos sociais: aqueles que são definidos e estigmatizados como os ‘arriscados’ outros. (LUPTON, 2005, p. 126. Tradução nossa²⁹)

Martins (2004) propõe ideia semelhante, porém sob um recorte específico de gênero, no momento em que apresenta o corpo da mulher enquanto estrutura simbólica através da qual se moldavam significados e representações do feminino, bem como se alavancavam processos de enquadramento e regulação social.

A aceitação individual e coletiva das mulheres sempre perpassou a validação de seus corpos, o que caracteriza uma engrenagem de domesticação persistente até os dias atuais. A inclusão do sexo no domínio do saber médico-científico

²⁹ No original: “The ‘cultural/symbolic’ approach, in its focus on risk and Otherness, goes some way to emphasize that anxieties and fears about risk tend to be projected onto certain social groups: those that are defined as the marginalized and stigmatized ‘risky’ Other.”

consolidou, de maneira desigual, as diferenças circunscritas nos corpos que dividiam a espécie humana. Ao longo da história, e com o devido amparo do discurso da ciência, o vocábulo “homem” carregou a representação de “humanidade”, sendo dessexualizado na medida em que se tornava um “ideal” e o símbolo dos valores de distinção social, como a razão, a inteligência e a moral.

À mulher, por outro lado, reservava-se o destino do cuidado e da reprodução, que passou a ser sustentado mais fortemente com a evolução da ginecologia e da obstetrícia a partir do século XIX, quando argumentos materialistas e dados estatísticos foram utilizados para promover a maternidade a uma função não só natural, como também moral e política. Além disso, experiências anatomofisiológicas realizadas por médicos das mais diversas áreas para fundamentar suas teorias sobre as engrenagens nervosas do até então desconhecido corpo feminino terminaram por legitimar o conceito da “mulher instável”, dotada de um sistema de frágil equilíbrio e, por conseguinte, passível de qualquer excitação periférica. Era como se a mulher fosse refém de seu próprio corpo; portanto, limitada em comparação ao seu companheiro de espécie, para quem o sexo e seus ditames só eram determinantes em alguns momentos de sua vida (MARTINS, 2004).

Essa imagem nervosa e instável do corpo feminino contribuiu para restringir a existência das mulheres a limites impostos pela lei biológica imanente a esta organização. (...) Assim, os médicos juntaram-se aos ideólogos da domesticidade ao mesmo tempo em que chamaram para si a responsabilidade em prevenir e curar as manifestações mórbidas, mais variadas, da instável natureza feminina. (MARTINS, 2004, pp. 111-12)

O papel reprodutivo das mulheres foi extremamente afetado pelas mudanças sociais e materiais decorrentes do processo de industrialização. A sociedade se tornou cada vez mais urbanizada e, com a erotização do sexo na cultura popular, o mesmo passou a ser associado ao prazer e não à reprodução (BROWN; JASPER, 1993). Com isso, a corpulência, que era a imagem da fertilidade, abriu espaço para a magreza, associada ao deleite sexual masculino.

Se hoje o gerenciamento das mulheres não se dá pela redução às funções reprodutivas ou pela supressão à excitação sexual, uma gama de novos mecanismos de controle é disseminada, reafirmando os limites entre normal e patológico e/ou entre autonomia e cárcere. De certa forma, ainda sobrevivem os “especialistas de mulher”, não tanto na figura dos médicos, mas dos treinadores,

esteticistas, nutricionistas e tantas outras profissões criadas ou readaptadas para atender as demandas geradas por tal sistema de vigilância.

Quando o cuidado com o corpo é associado à busca pela melhor versão de si frente à sociedade, a feiúra e a gordura passam a ser vistas como “alteridades” que remetem à finitude, à incompletude, à insubordinação, à improdutividade, à má-educação e à morte. Novaes (2011) acrescenta que elas trazem à tona o desmedido feminino, tal como a sexualidade fazia no século XIX. Ao se entender a magreza enquanto virtude, instalam-se dispositivos de monitoramento os quais se assemelham aos métodos de confissão de pecados morais utilizados em períodos históricos anteriores.

Em uma conjuntura de lipofobia, onde o apetite pode ser associado à subversão, entende-se o porquê da existência de quadros patológicos como o medo mórbido de engordar, a redução voluntária de consumo nutricional para rápida perda de peso, a ingestão de alimentos seguida de vômitos, dentre tantos outros sintomas que caracterizam os transtornos alimentares.

Pode-se dizer, portanto, que os TA são doenças intrinsecamente relacionadas à busca obsessiva por um corpo perfeito, que transforma-se em estilo de vida e “código moral” (FOUCAULT, 1998, p.25) para muitas pessoas, especialmente para mulheres das camadas médias urbanas (CASTILHO apud OLIVEIRA et al, 2011). Sobre tal cultura disciplinar, Foucault (1998) acrescenta que

(...) designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara. (1998, p.25)

Embebida dos estudos do filósofo francês, a teórica feminista Susan Bordo (2003) afirma que a normatização pela feminilidade não ocorre a partir de orientações verbais dadas às mulheres. Ao invés disso, elas assimilam as “regras” diretamente pelo discurso corporal - por meio de imagens que ditam quais roupas, formas, expressões faciais e padrões de comportamento são exigidos no espaço social.

Não é de se surpreender, segundo a autora, que correntes da literatura feminista considerem transtornos alimentares e outras patologias femininas “protestos corporificados – inconscientes, incipientes e contraproducentes, sem linguagem efetiva ou cunho político, mas ainda assim protestos” (BORDO, 2003, p. 175). Numa tentativa de atingir as demandas do "corpo inteligível" (p.181, tradução nossa³⁰), que agrega todas as representações culturais, padrões de beleza e modelos de saúde, as mulheres com TA acabam docilizando, normatizando e sufocando seus "corpos úteis" (p.181, tradução nossa³¹).

Bordo pontua, no entanto, que a busca pelo alto grau de feminilidade pode levar a uma entrada não planejada e inconsciente da mulher com TA no privilegiado mundo masculino, fazendo com que o “protesto” termine por ser responsável pela manutenção da ordem e das relações de poder vigentes, ao invés de transformá-las.

A anorexia começa e tem origem no que chamamos, em nossos tempos, de práticas convencionais femininas. (...) Ao passo que seu corpo começa a perder as tradicionais curvas, seus seios e seus quadris começam a desaparecer, e o estômago antes arredondado começa a parecer esguio como o masculino, ela passa a se sentir intocável, invulnerável, a prova da dor, “limpa e firme como os ossos de sua silhueta”, como descreveu uma estudante em seu diário. (BORDO,2003, p.178)

O binômio TA+prazer defendido por Bordo, de certa forma, remete às primeiras inserções da anorexia e bulimia no contexto da cibercultura³², quando se destacavam as comunidades intituladas “pró-ana” e “pró-mia”. Calcadas na lógica do espetáculo, as adeptas viam, naquele espaço comum, a oportunidade de visibilizarem o esforço diário para vencerem a guerra contra a gordura e atingirem o desejo de um corpo magro. Naturalmente, se havia brecha no ambiente virtual para a circulação de sentidos que normatizavam os TA, o lado da patologização também encontrava espaço, vide o surgimento de blogs e grupos de discussão que expunham as agruras de seu dia-a-dia com anorexia e bulimia. Em ambos os casos, as confissões e as imagens cotidianas das autoras revelavam uma peculiar inscrição na fronteira entre o extremamente privado e o absolutamente público (SIBILIA, 2004), fenômeno narrativo cada vez mais comum no meio eletrônico.

³⁰ No original: intelligible body

³¹ No original: useful body

³² Pierre Levy(1999) define cibercultura como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Embora guarde semelhanças conceituais, o objeto deste trabalho difere-se dos supracitados por ter, como plano de fundo e marco temporal, um movimento de ação política ainda em configuração. Como bem ressalta Zafra (2011), aludindo a Virginia Woolf (1882-1941), cada vez mais mulheres conectam seus “quartos próprios³³” ao identificarem, no cenário virtual, oportunidades alternativas aos sistemas disciplinares de produção e de difusão criativa. Para a autora espanhola, a união entre dois ambientes dicotômicos – a confidencialidade do quarto e a vastidão da rede- ganha ainda mais relevância no recorte feminista.

As leituras sobre o mundo doméstico, a vida privada e as histórias afetivas, políticas e econômicas que aconteciam neste lugar não tiveram tradicionalmente um valor produtivo ou de prestígio, além de inspirarem diversos mitos culturais sobre as mulheres e assentarem seu papel na reprodução, e não na produção de conhecimento. (...) A possibilidade de apropriar-se do espaço privado e íntimo para uma redistribuição de seu uso seria, por consequência, uma ação de importante significado político; uma ação que reordena o valor e o significado dado socialmente a estes espaços. (ZAFRA, 2011, p.118. Tradução nossa³⁴)

Ao passo que público e privado se confundem para a construção de um novo ativismo, mulheres reconfiguram subjetividades ao dividirem com milhares de internautas sua “contraditória” batalha contra a anorexia e a bulimia, na esperança de traçar uma realidade menos abusiva e violenta não só para si como para as leitoras que as acompanham.

É exatamente sobre estes sujeitos que este trabalho pretende debruçar-se, unindo a discussão sobre as potencialidades e os gargalos das mídias digitais aos novos rumos do campo feminista e operando, também, com o conceito de espaço biográfico (ARFUCH, 2010), a ser retomado no item seguinte.

³³ Referência de Zafra a Virginia Woolf (1882-1941), que dizia que um quarto próprio e uma pequena quantidade de dinheiro anual eram o suficiente para uma mulher se dedicar à escrita.

³⁴ No original: Las lecturas sobre el mundo doméstico, la vida privada y las historias afectivas, políticas y económicas que en dicho lugar acontecían no han tenido tradicionalmente un valor productivo ni de prestigio, más allá de inspirar diversos mitos culturales sobre las mujeres y asentar su papel en la reproducción, y no en la producción de conocimiento. (...) La posibilidad de apropiarse del espacio privado e íntimo para una redistribución de su uso sería, en consecuencia, una acción de importante calado político; una acción que reordena el valor y significado dado socialmente a estos espacios.

5. METODOLOGIA

Este projeto pretende analisar textos publicados nos sites Think Olga e Lado M e na Revista AzMina entre 2015 e 2016. O corpus inicial compreende nove inserções, selecionadas através de busca pelos termos “anorexia”, “bulimia” e “transtorno alimentar” e detalhadas na tabela a seguir:

Título	Veículo	Gênero	Ano
<u>Sobre nossa visão distorcida</u>	Lado M	reportagem	2015
<u>Eu e a anorexia: um namoro longe de ser saudável</u>	Lado M	relato	2015
<u>A jornada pela aceitação corporal</u>	Lado M	artigo de opinião	2015
<u>Precisamos pensar sobre o mito do corpo delicado</u>	Lado M	artigo de opinião	2015
<u>Musas do Carnaval denunciam convivência de escolas de samba com assédio</u>	AzMina	reportagem	2016
<u>Meu medo de comer</u>	AzMina	relato	2016
<u>Quando ser saudável não é ser saudável</u>	Think Olga	artigo de opinião	2016
<u>Conheça o projeto “Que se Ame”, contra anorexia e bulimia</u>	Lado M	reportagem	2016
<u>Relatos de um transtorno alimentar: cansei de vomitar!</u>	Lado M	relato	2016

Textos sobre TA publicados pelos sites Think Olga, Lado M e AzMina entre 2015 e 2016

A análise será conduzida a partir da noção de espaço biográfico, definido por Arfuch (2010) como a articulação entre diversos gêneros discursivos contemporâneos ligados aos relatos de experiências pessoais e à exposição pública da intimidade. Para a autora, o impacto da *internet* sobre o “espaço biográfico” dá origem à existência virtual, às invenções de si, aos jogos identitários, propícios ao desenvolvimento de redes de interlocução e sociabilidade. Da mesma forma que, em períodos históricos anteriores, os gêneros autobiográficos surgiram em correlação com a formação do indivíduo moderno – calcando-se na singularidade, na sinceridade e na autenticidade –, na vida contemporânea há um protagonismo da interdiscursividade na construção dessas novas subjetividades.

Desta maneira, o predomínio do vivencial na atualidade se articula à obsessão de comprovação, de testemunho, à vertigem do “ao vivo”, do “tempo real”, da imagem transcorrendo sob e para a câmera, do efeito “vida real”, do “verdadeiramente” ocorrido, suscetível de ser confirmado por testemunhas, informantes, câmeras e microfones, gravações, confissões (ARFUCH, 2010, p. 61).

Para além da perspectiva personalista ou do caso singular, a proposta deste trabalho é investigar como se equilibram as identidades das autoras na condição de narradoras e protagonistas, explorando as motivações da mulher anoréxica e/ou

bulímica que se exterioriza e proporciona tanto a libertação individual quanto a identificação e a mobilização coletiva em torno das doenças. A partir da quebra de barreiras introspectivas do “eu, mulher” em prol do “nós, mulheres”, a ideia é compreender como as performances autobiográficas modernas podem levar a “caminhos de autocriação, imagens e identificações múltiplas, desagregadas dos coletivos tradicionais e consolidar assim o jogo das diferenças como uma acentuação qualitativa da democracia” (ARFUCH, 2010,p.100).

Agora, já posso botar meus olhos dentro dos seus, expropriar seus traços, chapados a ferro, e fazer fogo. Ainda, antes de parecer intrépida, será justo dizer que talvez eu já me tenha flagrado recaído; e que, por vezes, ainda possa sentir seu hálito morno bufando em meu pescoço. Mas se apanho uma mulher dizendo que precisa perder peso, sinto um arrepio me correndo de cima abaixo, e me faço dismantelar a ideia. Teria instinto de dissuadi-la, agora. Segurá-la pelo ombro e dizer-lhe que não. Mas não poderia. Não conheço a vida que ela suporta nos ombros. Então, no que me torno, ao interceder? Toda ação, no feminismo, precisa ser coletiva. Isto não é sobre alguém. Estamos juntas, no meio do olho do furacão. Sente aqui. Eu não vou lhe contar uma história sobre anorexia. Eu vou lhe contar uma história sobre machismo. (EU E A ANOREXIA: UM NAMORO NADA SAUDÁVEL, Lado M, 2015)

Sendo o recorte deste trabalho a visibilização dos TA nos meios de comunicação feministas, há de se considerar, também, a dimensão biográfica dentro das práticas do jornalismo. Sabe-se que, historicamente, a enunciação jornalística é estruturada para relatar a “realidade exterior”, “mas de modo a fazer com que o dito seja a simulação da presença do fato em si” (FAUSTO NETO apud LERNER; SACRAMENTO, 2014, p.58). Neste sentido, impera a lógica, a realidade dita isenta, a neutralidade, em detrimento das subjetividades. A fala do “outro” restringe-se às vozes autorizadas, que, entrelaçadas aos recursos de imagem e à construção textual, estabelecem discursos consonantes com os posicionamentos e comprometimentos do veículo em questão.

O feminismo, por sua vez, trouxe consigo uma nova maneira de pensar a cultura, a linguagem e experiência. Isso ocorre, segundo Louro (1997), porque ele passa a redefinir o político, amplia seus limites, subverte seus sentidos e aspira a um novo modo de compreensão das relações entre a subjetividade e as instituições sociais.

O que acontece não se trata, no entanto, de apenas mais um “acrécimo”, seja das mulheres seja de temas e áreas. A subversão que essas incorporações e, principalmente, que os questionamentos

feministas vão trazer para o pensamento terá como resultado uma transformação epistemológica, uma transformação no modo de construção, na agência e nos domínios do conhecimento. (1997,p. 148)

Propõe-se, portanto, avaliar os enquadramentos das narrativas das mulheres nos veículos selecionados, legitimando-os sob uma perspectiva feminista, e verificar como os mesmos constroem (e se de fato constroem) novos "pactos de referencialidade" (LERNER; SACRAMENTO, 2014, p.58) que venham a implicar na percepção e na promoção das mulheres como sujeitos sociais, políticos e do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inesita Soares de. **O campo da Comunicação e Saúde: contornos, interfaces e tensões**. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Manaus, 2013.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

BEZERRA JUNIOR, Benilton. O normal e o patológico: uma discussão atual. In: SOUZA, Alicia Navarro de; PITANGUY, Jacqueline (orgs.). **Saúde, corpo e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2014.

BIRMAN, Joel. Corpo e excesso. In:_____. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BORDO, Susan. The body and the reproduction of femininity. In: _____. **Unbearable weight: feminism, western culture and the body**. Berkeley: University of California Press, 2003.

BROWN; Catrina; JASPER, Karin. Introduction: Why Weight? Why Women? Why Now?. In:_____. **Consuming Passions: Feminist Approaches to Weight Preoccupation and Eating Disorders**. Toronto: Second Story Press, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. Notas sobre a cultura somática. In: **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. RJ: Garamond, 2004.

CZEREZNIA, Dina; MACIEL, Elvira Maria Godinho de Seixas; OVIEDO; Rafael Antonio Malagón. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

EDWARDS, Emily. **Are Eating Disorders Feminist? Power, Resistance and the Feminine Ideal**. Queen's University Belfast: 2006

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan S. **The body: social process and cultural theory**. Bath: The Bath Press, 2001.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo**. In: Cadernos Pagu, nº44, pp. 199-228, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. **A história da sexualidade III: o cuidado de si**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FREIRE, Dirce de Sá. Com açúcar, sem afeto. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GONZAGA, Ana Paula; WEINBERG, Cybelle. **Transtornos alimentares: uma questão cultural?** In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, ano VIII, nº1, pp. 30-39, 2005.

GRACIA, Mabel; CONTRERAS, Jesus. Corpos, dietas, culturas. In: _____. **Alimentação, sociedade e cultura**. Trad. Mayra Fonseca e Barbara Guidalli. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

JAURÉGUIBERRY, Francis. A exposição de si na internet: a preocupação de estar além das aparências. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tiranias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. Trad. Francisco Fátima da Silva, Andrea Stahel. São Paulo: FAP-Unifesp, 2003.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira**. Revista Estudos Feministas, vol. 11, Florianópolis: 2003.

LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor. **Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em O Dia**. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, v. 22, n. 4, pp. 58-70, 2015.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34,1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUPTON, Deborah. **Risk: Key Ideas**. London/New York: Routhledge (e-book), 2005.

MARTINS, APV. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

NATANSOHN, Graciela (org.). **Internet em código feminino: teorias e práticas**. Buenos Aires : La Crujía, 2013.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiúra: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Ana Luiza Sobral; CUNHA, Eduardo Leal. **Os transtornos alimentares e a patologização da vontade**. In: Clínica & Cultura. nº1, pp. 46-56, 2012.

OLIVEIRA, Leticia Langlois; HUTZ, Cláudio Simon. **Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo**. In: Psicologia em Estudo, n. 3, pp. 575-582, 2010.

RAMOS, Juliana Souza; NETO, André de Faria Pereira; BAGRICHEVSKY, Marcos. **Pro-anorexia cultural Identity: characteristics of a lifestyle in a virtual community**. In: Interface – Comunicação, Saúde e Educação, v.15, n.37, pp.447-60, 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão, memória e narrativas biográficas de celebridades**. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2015.

SANTANA, Juliana Silva. **#thinspiration: construção digital do corpo anorético feminino**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). FACOM/UFBA: 2016.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo**. In: VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: 2004.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição corporal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SILVA, Daniela Ferreira Araujo. **Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem - uma etnografia virtual**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). IFCH/UNICAMP, 2004.

SILVA, Daniela Ferreira Araujo. **Histórias de vida com transtornos alimentares: gênero, corporalidade e constituição de si**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH/UNICAMP, 2011.

ZAFRA, Remedios. **Um cuarto propio conectado. Feminismo y creación desde la esfera público-privada online**. In: *Asparkía*, 22, pp. 115-129, 2011.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Agendar a mídia e/ou fazer a própria mídia: Impasses e desafios na trajetória histórica no movimento feminista**. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.